

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

ALEXANDRINA DA SILVA

**O GRAFISMO E SIGNIFICADOS DO ARTESANATO DA
COMUNIDADE GUARANI DA LINHA GENGIBRE**

(desenhos na cestaria)

Trabalho de Conclusão de curso apresentado
Como requisito para obtenção do título de
Licenciado do curso de Licenciatura Indígena
Intercultural do Sul da Mata Atlântica do Cen-
tro de Filosofia e Ciências Humanas, Departa-
mento de História da UFSC

Orientador: Aldo Litaiff

Janeiro
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 29 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 13 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Aldo Litaiff e Presidente, Professor Clarissa Rocha de Melo, Titular da Banca, e Professor, Carlos Maroto Guerola Suplente, designados pela Portaria nº 14/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Alexandrina da Silva, subordinado ao título: "O grafismo, artesanato e seus significados (desenhos na cestaria)". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Aldo Litaiff, a nota final 10, da Professora Clarissa Rocha de Melo, a nota final 10, e do Professor Carlos Maroto Guerola, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 29 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aldo Litaiff

Prof. Clarissa Rocha de Melo

Prof. Carlos Maroto Guerola

Candidato Alexandrina da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) ALEXANDRINA DA SILVA, matrícula n.º 11100013, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O GRAFISMO E SIGNIFICADOS DO ARTESANATO DA COMUNIDADE GUARANI DA LINHA GENGIBRE (desenhos na cestaria), com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.

Assinatura manuscrita do orientador(a) em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Apresentação.....	5
Introdução.....	7
Conceito de artesanato.....	9
O artesanato e o significado.....	10
Depoimentos dos sábios da aldeia.....	17
O grafismo e sua representação.....	19
Grafismo e cestaria.....	22
O grafismo e a cestaria, desenhados na aldeia Gengibre.....	23
Considerações finais.....	28
Referências Bibliográficas.....	29

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a NHANDERU (Deus Pai), por me fortalecer e a superar as dificuldades, vencer os desafios e por estar do meu lado em todos os momentos. Pois em minhas orações que eu fazia com muita Fé, atendeu aos meus pedidos, me dando forças, coragem e otimismo.

Também quero agradecer aos meus irmãos e a minha mãe Maria Mariano, que quando me senti desanimada com os problemas e as situações que eu estava passando, me aconselharam e me ajudaram com palavras que me fortaleceram e fez com que não desistisse e seguisse em frente. Agradeço ao ex-cacique Vergílio Benites por acreditar em mim, assinando a declaração para que eu pudesse ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

È também ao meu esposo e a minha sogra que cuidaram do meu filho, que por questões de distâncias e dificuldades não pude levar comigo na universidade. Obrigado a vocês que compreenderam e me ajudaram, dando atenção e carinho para ele, nos momentos em que não pude estar presente.

Agradeço pela oportunidade e as pessoas que me ajudaram desde a inscrição para o vestibular e durante os quatro anos de Licenciatura. Agradeça pela compreensão e paciência, quando tive que me ausentar na comunidade e na escola. Agradeço a todos que me ajudaram através de entrevistas e mostrando como é e apoiaram e fizeram acreditar que, o que eu buscava era possível.

Agradeço ao meu orientador, professor Aldo Litaiff, aos colegas da Licenciatura, meus queridos Kaingang, Guarani e Laklanõ pelas palavras lindas poderosas de otimismo e que me fizeram sentir mais forte para que eu pudesse chegar até aqui.

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso é sobre os artesanatos confeccionados na Aldeia Linha Gengibre, RS (Guarani Mbya). Através de pesquisas feita na aldeia percebi que mesmo com uma forte influência dos não-indígenas, a produção dos nossos artesanatos tradicionais está muito presente, principalmente dos artesãos mais velhos que conhecem a história e estão buscando forma de ensinar os jovens e as crianças para que esses sabres e fazeres tradicionais não sejam esquecidos, mas sim fortalecidos pelas novas gerações. Para isso, o desafio está para nós professores, que segundo os mais velhos, com as nossas pesquisas, podemos despertar mais interesses nos jovens, mostrando a importância dos artesanatos na vida do Ser Guarani. Nele será abordado os tipos de artesanatos, os desenhos, os grafismos e os significados que eles representam para nós. Também como isso era feito antigamente, pois como outros povos indígenas, o povo guarani também teve um impacto muito grande e com isso houve grandes mudanças nas formas de desenhar. Mas que os grafismos da mitologia e do espírito cosmológico do passado ainda permanecem estampados nas cestarias e outros artesanatos com outros símbolos, com significados sagrados, produzidos na minha aldeia.

Palavras-chaves: artesanato, grafismos, significados.

APRESENTAÇÃO

Eu sou Alexandrina da Silva, sou Guarani Mbya e moro na Aldeia Gengibre há sete anos. A aldeia fica a 35 km do município de Erval Seco, pertencente à Terra Indígena Guarita, situado ao oeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Eu nasci na Aldeia Mbaraka Mirim, no município de Planalto, RS, em 13 de outubro de 1982. Aos quatro anos de idade, minha mãe, eu e mais três irmãos fomos morar fora da aldeia, fomos morar na colônia. Fomos para o município de Cunha Porã, SC, na localidade da Linha Sertão. Lá aos sete anos de idade, comecei estudar na escola de branco. Eu era a única indígena, então as outras crianças, faziam piadinhas preconceituosas. Às vezes eu chorava muito e nem queria ir mais para a escola. Moramos mais ou menos oito anos lá. Mesmo fora de nossa terra, minha mãe nunca deixou de falar a nossa língua com a gente. Só que tínhamos que ter muito cuidado, se um branco ouvisse, já queria saber o que estávamos falando. Alguma coisa agente até dizia o que era, mas não dava para ensinar muitas coisas.

Em 1996, voltamos para o município de Planalto, mas não fomos morar na aldeia onde nasci. Nós fomos morar na aldeia de índios Kaingang. Eu estava na 5ª série, e como nas escolas indígenas só tinha até a 4ª série, tive que continuar meus estudos na escola de branco na cidade. Tive muitas dificuldades, enfrentei muitas lutas, mas continuei estudando. Em 1999 terminei o ensino fundamental. Em tantas dificuldades já tinha conseguido dar um grande passo. O meu sonho era ser professora de educação infantil, para isso, eu teria que fazer o magistério. Então em 2000 me matriculei na outra escola, a maior das escolas do município. Mas por falta de recursos, infelizmente tive que desistir na metade do ano. Eu tinha mais quatro irmãos menores do que eu e também estavam estudando, isso era difícil para meus pais, pois eles trabalhavam muito para que nós pudéssemos estudar.

Depois que desisti, trabalhava com meus pais para ajudar nos estudos dos meus irmãos. O tempo foi passando, e em 2006 voltei a estudar no ensino médio. Quando eu estava no 2º ano, me mudei para na aldeia Gengibre, isso no ano de 2007. Lá continuei e terminei o 2º grau no município de Tenente Portela, RS.

Em 2008, comecei a dar aula para as crianças da 1ª série, minha responsabilidade dobrou, porque eu tinha que trabalhar e estudar. Hoje sou professora, sou casada, tenho um filho que amo muito e um marido que me compreendeu e me apoiou durante os quatro anos de curso de Licenciatura.

Moro até hoje nessa aldeia, gosto muito desse lugar e pretendo continuar meu trabalho para ajudar as crianças dessa comunidade. Quero ser exemplo de superação e conquistas. Mostrar que mesmo com muitas dificuldades, se agente quer e luta pelo que quer, por mais difícil que seja, devemos acreditar em nós mesmos. A gente consegue e nada é impossível para quem busca o que realmente quer. Com fé e esperança e com Deus, podemos chegar onde queremos e alcançar nossos objetivos.

INTRODUÇÃO

Para realizar esse trabalho, fiz entrevistas, roda de conversas e também através de pesquisas bibliográficas em livros, publicações , cartilhas e internet.

As pessoas entrevistadas foram: Anita Benites, Hélio Fernandes e Roberto Conçalves de Souza. Todas as entrevistas foram feitas na língua materna e na casa desses sábios.

O povo Guarani pertence ao grupo linguístico Tupi-guarani, sendo encontrados nos estados do Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também estão nos países da Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Algumas vivem em pequenas aldeias, em beiras de rodovias e também em acampamentos.

A população guarani no Brasil é estimada em torno de 34.000 pessoas (há estimativas de 50.000 indivíduos), composta por Kaiowa, Nãndeva e Mbyá. A população Mbyá atual estaria, segundo projeção, em torno de 14.000 a 15.000 pessoas. Estas são estimativas, pois no caso dos Mbyá existe uma rede de parentesco e reciprocidade, que se estende por um amplo território, compreendendo as regiões onde situam as suas comunidades.

A aldeia Gengibre tem aproximadamente nove mil hectares, sendo que a maior parte é coberta de mata. Lá moram 42 famílias, aproximadamente 212 pessoas sendo a maioria crianças. São confeccionados artesanatos para uso próprio e para vender quando chegam pessoas, que vêm conhecer a comunidade ou quando se interessam por alguns artesanatos específicos.

Através deste trabalho, pretendo mostrar um pouco dessas atividades artesanais da Aldeia Gengibre, pesquisando os significados dos grafismos existentes em alguns artesanatos confeccionados pelos Guarani, a importância que tem para o nosso povo, assim como seu significado para a nossa relação com *Nhanderu* [nosso pai ou nosso Deus] e o respeito com a natureza.

Pretendo, através desse trabalho, apresentar o significado e as variadas formas da arte indígena, especialmente a arte da minha comunidade guarani; e mostrar aquilo que é considerado arte na visão ocidental.

A arte guarani pré-colonial se caracterizou por uma expressiva variedade de desenhos geométricos, aplicados em diferentes tipos de suporte; na pintura corporal, nos tecidos, nas cestarias, nas esculturas em madeiras, mas sobre tudo, na decoração das cerâmicas.

Nos tempos antigos, o cesto era utilizado pelas mulheres para carregar as sementes de milho para levar para plantar na roça e também carregar as crianças. Hoje os Guarani Mbya, produzem para vender e têm o artesanato como principal fonte de subsistência. Em algumas aldeias, está difícil a matéria-prima, pois as matas estão escassas, quase não se usa mais as tintas vegetais e sim tintas compradas na cidade.

Cada pintura corporal e os trançados, ou seja, o grafismo impresso nas cestarias é usado para adornar corpos e objetos, por exemplo, não são simples desenhos, neles há muitos significados, pois ele é uma forma de afirmação cultural, e está associado à mitologia e cosmologia.

Através dos grafismos presentes nos artesanatos, nós guarani valorizamos historicamente e culturalmente a memória de nossos ancestrais e, assim, preservamos a nossa maneira de ser e de viver, mantendo viva a nossa tradição. Nesse trabalho, serão abordados aspectos fundamentais sobre os desenhos impressos nos artesanatos, os significados: por exemplo, do *ajaka para* (balaio com grafismo), que tem desenho da cobra jararaca, da cobra caninana e da cobra coral. Os trançados, e os desenhos básicos do grafismo existentes nas cestarias. Também outros desenhos e símbolos do pau de chuva.

Para fazer isso, nós guarani com certeza observamos muito bem os animais. Por isso que tudo o que fazemos tem uma relação com Nhanderu (Deus nosso Pai Maior) e com a natureza. Também tem tudo a ver com o espírito cosmológico. Cada um dos grafismos e desenhos têm um significado que está relacionado com a simbologia, à mitologia e o sistema guarani. Um tipo de grafismo desenhado na cestaria significa: o caminho que os Guarani percorre quando mudam-se de uma aldeia para outra ou visitam os parentes na outra aldeia.

CONCEITO DE ARTESANATO

É o resultado do trabalho manual - feito à mão - e que pode ter diversas finalidades: utilitários, estéticas, decorativas, funcionais, tradicionais, religiosas e sagradas. É uma expressão do saber acumulado através da arte, da criatividade e da habilidade.

O artesanato é tradicionalmente, uma atividade familiar, em que o artesão possui os meios de produção, trazido da natureza. Junto com a família e em todas as etapas de elaboração, desde o preparo da matéria-prima, até o acabamento final, não há divisão do trabalho, ou seja, a pessoa começa e ele mesmo termina seu objeto.

Assim, os artesãos respondem por todo processo de transformação da matéria- prima em um produto acabado. Antes da fase de transformação da matéria-prima, o artesão também é responsável pela seleção da mesma, assim como pela concepção do produto a ser elaborado.

Todos os artesanatos e os desenhos impressos é o resultado da observação, isso acontece, não só com os Guarani, mas acredito com outras etnias indígenas. Porém com visões de mundo diferentes. A natureza nos ensina a trançar, a tecer, modelar e a utilizar diversos materiais. É com ela, que aprendemos a respeitar tudo antes de usufruir: o tempo, o espaço e a forma mais adequada, de manusear para que elas não terminem. Aprendemos nos adaptar e transformar o que a natureza nos oferece às necessidades do ser humano.

Para os guarani, os desenhos feitos nos artesanatos têm dois nomes e significados distintos:

YPARÁ: significados mitológicos, simbólicos e sagrados.

TA`ANGA: significados físicos e estéticos ou seja desenhos comum.

Os Guarani Mbya, assim como outros povos, valorizam e dão grande importância às relações simbólicas de seus objetos. Utilizam sua cultura material para transmitir mensagens e informações. Estas informações estão presentes, tanto nos objetos ritualísticos quanto nos objetos de uso domésticos.

Os objetos traduzem comportamentos, visões de mundo, valores tradicionais e identidade nos possibilitando uma melhor compreensão e uma leitura da cultura em que os mesmos estão inseridos. Assim como as pinturas corporais, os desenhos do artesanato também estão inspirados na natureza.

O artesanato é algo central da vida. É por meio e partindo dele que podemos entender vários aspectos da organização do povo guarani Mbya. Isto é, as relações entre homens e mulheres, crianças e adultos até indivíduos de uma aldeia com aldeias diferentes e diferenças entre indígenas e a sociedade branca.

Através do artesanato que adquirimos conhecimentos sobre o tempo, as fases da lua, o período adequado para colher a matéria prima da mata e o tempo de secar, de trançar ou de preparar para a confecção artesanal.

O PETYNGUA (cachimbo sagrado)



Fonte: Os guarani Mbyá, um livro de Vherá Poty e Danilo Christidis.(2008)

O petyngua é feito de argila. Mas também pode ser feito de madeira ou do nó de pinho. Na minha aldeia, ele é feito de argila. E lá só o líder espiritual usa na casa de reza (OPY). No petyngua, também tem desenhos que representa os animais, como: a borboleta, os pássaros, a onça, a tartaruga, o peixe.

O petyngua é um objeto sagrado para nós guarani. Através dele, nos concentramos para comunicar-se com Nhe'e (ALMA-PALAVRA).

No Petyngua utilizamos fumos de corda que produz o TATAXINA(fumaça Sagrada). Ela é a manifestação da divindade através do Karai. Possibilita, por meio da concentração, a conexão com o Divino, a nós e seres imperfeitos. O TATAXINA , por meio de momentos cerimoniais nos dá condições do estado do universo em todos os aspectos.

Pois ele é utilizado para curar doenças espirituais, nos rituais da colheita, nas cerimônias e quando o Karai vai dar nome à uma criança e também quando as pessoas procuram o Karai.

O Petyngua e o Karai são elementos fundamentais dentro de uma aldeia. É através desses dois elementos é possível ter um contato direto com Nhanderu (DEUS). "Acreditamos que a fumaça que sai do cachimbo, se transforma em nuvem do céu". (Darcy, professor mbyá guarani, Rio de Janeiro, RJ.) Fonte, livro Maino`i Rape.

CESTO E O BALAIO (Ajaká)



Fotos tirada por mim, na casa de Seu Roberto.

Antigamente, o cesto era utilizado pelas mulheres, para carregar as sementes de milho tradicional e também para carregar as nossas crianças.

"Nhanderu nos ensinou a trançar para que pudéssemos carregar as sementes de milho sagrado e também as crianças. E aos homens deu o arco e a flecha para caçar, para poder viver na floresta. As histórias dos antigos contam como tudo isso aconteceu. O artesanato era sagrado" (Cacique Verá Mirim).

O cesto está no princípio da criação do homem, que dele provém. Ele é um recipiente, significa um receptor pronto para receber os propósitos de Nhanderu (Deus). A palha trançada é o princípio mítico dos Guarani. As tranças dos cestos, têm um nome e um significado especial. Um tipo é chamado de Iparaxyry, que significa o caminho que os Guarani fazem quando visitam ou mudam de aldeia. As pessoas que recebem os visitantes ficam em fila uma atrás da outra.

O balaio é umas das artes mais importantes na nossa cultura. Significa várias direções do pensamento; é um instrumento de cura para pessoas que precisam de terapia. Os balaio que têm desenhos significam AMOR e aqueles que não têm significa PAZ. Por exemplo, o balaio que tem o símbolo da borboleta da cobra caninana (Nhocaninã), significa amizade ou relação de amizades com outras famílias. O balaio em si serve para carregar os alimentos e o trançado de desenhos que representa a pele de cobras, simboliza proteção dos alimentos que estão dentro da cesta.

O PAU DE CHUVA (Oky Ra'anga)



Fonte: site

O pau de chuva tem um poder terapêutico: "Quando uma pessoa está aborrecida com alguma coisa, se precisa relaxar, utiliza o pau de chuva que se consegue tranquilizar" (Sérgio, educador mbyá).

Os desenhos feitos no pau de chuva estão ligados à natureza, aos animais e a caça. Os que parecem estrelas é a marca das caças realizadas e significa uma forma de contagem. Os principais desenhos encontrados no pau de chuva são: da cobra coral (Mboi Pytã), da cobra jararaca (mboi para) e o desenho de asterisco é o que representa as caças conseguidas, é uma homenagem aos homens da aldeia que conseguem trazer da mata o animal abatido para seu consumo.

Hoje já são feitos desenhos do estilo Ta'anga que não tem significado sagrado, pois são feitos para comercializar para os não-indígenas. Então o artesão já desenha e pinta com

tintas coloridas e faz desenhos diversos para chamar a atenção já que os Juruá não entendem sobre a simbologia e a história Guarani.

COLARES (Mbo`y)



Fotos tirada por mim na sala colares de Joana Mongelo.

Os colares são confeccionados pelas mulheres. Elas utilizam sementes e miçangas. Os colares feitos de sementes servem para se distinguir de outros grupos. Eles significam

proteção e fortalecimento do espírito. As sementes são elementos sagrados para o povo guarani.

As miçangas são compradas na cidade e servem para fazer colares para uso próprio ou para vender. Com as miçangas, as artesãs criam os mais variados tipos de desenhos. Como os grafismos tradicionais já conhecidos, também nomes de times do coração, nomes em guarani e português. São representados os animais e as flores e outros objetos simbólicos como: o sol, as estrelas e corações.

Os colares feito de sementes, são elementos sagrados e é tradicional guarani. Alguns são consagrados pelos Karai. Então esse é dado para a pessoa que vai viajar e visitar seus parentes longe da aldeia. Esse colar vai proteger a pessoa durante a viagem para que nada de mal lhe aconteça.



Pulseira (Poapy reguá) feita por Cláudia Mariano (artesã em pulseiras), trabalha como professora na oficina de artesanato no projeto Mais Educação.

ESCULTURA EM MADEIRA

"A história do surgimento dos bichinhos de madeira, segundo seu João Acosta, surgiu há uns 30 anos mais ou menos. Aconteceu em uma aldeia guarani, havia um casal que tinha um filho e essa criança chorava muito e os pais não sabiam o que fazer para agradá-lo. Então um dia, o pai teve uma ideia de inventar um brinquedo com a cera de abelha. Assim a criança se acalmou. Mas isso durou pouco, pois no sol o brinquedo se derreteu. Depois o pai teve a ideia de fazer um bichinho de madeira e ele fez. Esse brinquedo ficou com a criança por muito tempo e assim esse pai foi fazendo bichinhos de todos os tamanhos e formas para seu filho. Com o passar do tempo o pessoal de fora ficou sabendo e ficaram interessados de comprar. por isso hoje os guarani fazem ou produzem para comercializar."

(José Benites, 37 anos cacique e professor da Aldeia Mymbá Roká, SC)



Fonte: Escola Sepé Tiaraju

Artesanato em madeira pirogravada, mostra a relação do guarani com a natureza (o natural) e o sobrenatural. Os animais esculpidos pertencem aos bichinhos que moram nas terras férteis, nos rios e nas matas e retratam os animais que vivem e dependem da floresta. Eles sempre serviram de alimento para o corpo e para o espírito guarani. Os bichinhos de madeira simbolizam o modo de viver e a relação da comunidade com os seres da natureza. Por exemplo: "a corujinha", significa o fortalecimento, a direção e o respeito.

DEPOIMENTO DOS SÁBIOS DA ALDEIA

Entrevistado: Hélio Fernandes

Idade: 93 anos

LIDER ESPIRITUAL DA ALDEIA



Fonte: Os guarani Mbyá, um livro de Vherá Poty e Danilo Christidis.(

"Nós não sabemos tudo, nossos jovens conhecem menos ainda sobre a nossa história. Os antigos sabem, porque Jesus Cristo deixou escrito no papel. Isso para ensinar a história. Mas os brancos não ensinam como era antes, com o passar do tempo a história vem se modificando, há mudanças na maneira de ensinar. Nos também somos assim, por isso quando as crianças querem saber sobre os guarani de antigamente, principalmente professores e professoras, procuram os mais velhos. Eu não esqueci e não quero perder, por exemplo as sementes tradicional e os grafismos, mesmo adotando alguns hábitos do branco"

Segundo seu Hélio, com o contato com os Juruá, hoje os mais jovens não interessam em aprender a fazer Ajaká e outros artesanatos. Nem sabem os significados dos grafismos. Só os mais velhos que ainda têm esses conhecimentos e sabedorias.

Os desenhos básicos existentes nos trançados são: o Ypara Korava'e, em forma de losango, Ypara kora jo'ava'e, em forma de Cruz, Ypara Ryxyva'e, em forma de S.

"Como a sociedade vem sofrendo mudanças, nós guarani também somos assim. Só que nós não mudamos o que já está nós criamos novos desenhos e isso é muito bom por que, as crianças aprenderão mais sobre a natureza e terão mais respeito com ela" (Hélio Fernandes, líder espiritual da aldeia Gengibre, RS).

Entrevistada: Anita Benites

Idade: 70 anos

Artesã em cestarias

"Para fazer os desenhos, meu falecido pai, observava a mata, a aldeia. Eu aprendi com ele aos 13 anos de idade, aprendi olhando quando ele fazia os Ajaká. Eu faço quatro tipos de grafismos: da borboleta, formato retangular, formato arredondado e o zig-zague. Não uso tinta comprada, só uso a tinta natural. A árvore, da qual obtenho a tinta, chama-se Katiguá. Eu trago da mata e preparo para tingir a taquara".

Dona Anita, diz que primeiro ela raspa a árvore. Depois coloca numa panela para cozinhar a casca. Alguns minutos depois, ela adiciona um pouco de cinzas quente. Nesse caso segundo ela, prefere a cinza formada da lenha de Alecrim, diz ela que a tinta sai quase vermelha e ela acha bonito. Também disse ainda, que se preferir uma tinta bem escura é necessário colocar mais Katiguá e uma quantidade maior de cinzas.



Dona Anita (artesã em cestarias) Foto tirada na casa da entrevistada.



Seu Roberto Gonçalves, 120 anos, um dos primeiros moradores da aldeia Gengibre.
“Antigamente se fazia balaio só para trazer milho, batata, mandioca, amendoim, peixes e frutas colhidas da mata. Hoje a maioria das pessoas fazem para vender, porque não temos mais matas e nem peixes. Então temos que vender os artesanatos para trazer alimentos para nossas crianças”

GRAFISMO E SUA REPRESENTAÇÃO

A importância da forma associada à ergonomia da natureza vem sendo aperfeiçoada a cada ano após ano. Esses artefatos têm a função de integrar a beleza ao sagrado. Símbolos, que foram sagrados para nossos ancestrais, nunca serão modificados, apenas está sendo recriada ou reproduzida. Isso porque, nossos jovens e crianças precisam conhecer para que, não deixam de lado os nossos valores tradicionais.

A simbologia inserida no grafismo e no artefato, não só transmite a tradição que vem sendo passado de geração em geração, como também de comunicar a comunidade envolvente através de uma mensagem simbólica. Por exemplo, o Petyngua (cachimbo), trás consigo diversas informações, significados e o sagrado, pois é um objeto de cura de doenças espirituais.

O grafismo não é apenas para representar algo do objeto fisicamente, ou seja, uma simples decoração vai muito, além disso. Eles têm a função de informar às pessoas que não conhecem a sua história cultural, religiosa, ritos e mitos. Ao trançarem os cestos, os guarani, transformam o elemento morte em elemento vida. Ao conferirem a esses cestos uma utilização sagrada, eles estão devolvendo a vida sua pureza original. Eles estão elevando a morte à dimensão da vida.

Os três desenhos básicos representam formas diferentes: o Ypara Korá apresenta várias formas geométricas encontradas no corpo das cobras, o Ypara Jaxá representa as correntes e é em forma de linhas retas e o Ypara Ixy representa os movimentos das cobras em forma de zigue-zague.

Na minha comunidade, além das artesãs utilizarem esses padrões de desenhos básicos, elas fazem outros desenhos como: o padrão borboleta, o padrão coração, o padrão arredondado ou figura circular, desenho reto, em fileira dobrada, torcido em forma de "S", desenho da pele da cobra cascavel, padrão Vida longa, desenho da cobra coral.

Às vezes ou alguns Guaraní, fazem outros desenhos para vender. Então varia desde o tamanho, o formato e o grafismo preferido ou quando alguém encomenda. Muitos vão para outras aldeias para visitar parentes, e aprendem desenhos diferentes. Tiram fotos ou trazem para servir de referência para desenhar na cestaria.

Isso não só acontece com a cestaria, mas com a confecção de colares, sempre que saem e voltam para aldeia, chegam com novidades com novos desenhos, diferentes grafismos, novas ideias e desenvolvendo suas criatividades.



Foto tirada na Escola Sepé Tiaraju, localizada na aldeia Gengibre.

GRAFISMO E CESTARIA

Na visão não indígena o grafismo é simplesmente entendido como uma linguagem visual, isto é, para eles representa somente a beleza e decoração. Isso por que não conhecem que neles estão uma rica e diversas sabedorias e conhecimentos dos nossos anciões. A cestaria, hoje continua sendo umas das principais marcas culturais dos Mbya. Mantendo seus três desenhos básicos e outros que foram sendo inventados posteriormente.

O grafismo da cestaria está carregado de representações simbólicas, relacionadas com a natureza e com o sagrado. A confecção de cestos em taquara recebe tramas ou desenhos geométricos. As mais escuras são obtidas do uso do cipó Imbé, e as mais claras, amarelas e vermelhas, são obtidas com o uso do tingimento ou pinturas de tiras do material com tintas naturais.



Foto de ajaka tirada na escola Sepé Tiaraju

ALDEIA GENGIBRE - Os grafismos usados nas cestarias e seus significados



Ypará Korá - desenhos fechados, quadrados, em forma de losango ou redondo

Significa a casa e as portas que sempre estão abertas para os parentes de outras aldeias que vem visitar ou em busca de cura para a enfermidade.



(IPARA TANAMBI PEPO)O ajaka com o DESENHO da asa da popo - mariposa) significa o respeito e agradecimento a liberdade, pois a borboleta sempre está a voar livremente e o guarani fica feliz quando ela voa em volta de sua casa.



Esse grafismo, significa a trajetória que os guarani fazem, pois para os guarani não existem fronteiras e eles são livres, quando saem de uma aldeia para outra, podem voltar a hora que quiserem.



Padrão cobra coral (Mboi Pytã – Cobra Vermelha), significa proteção é a malha da cobra coral e balaio com esse grafismo, segundo a mitologia, protege os alimentos que estão dentro dele.



Padrão Coração (Py'a Tytya – Batida do Coração)

Quando alguém da aldeia está com problemas no coração, é feito um cesto com esse desenho. Quando o enfermo é levado na casa reza. Lá ela é presenteada com esse cesto que possui em seu interior o pão sagrado, as frutas e o mel, que o mesmo leva para a cerimônia de cura.



Padrão cobra Jararaca (Mboi Para – Cobra Grande), foto tirada na casa de Seu Roberto

Esse grafismo é chamado de Vida Longa(Teko Puku) . Um balaio feito com esse grafismo é oferecido para a pessoa com desejo que ela tenha uma vida longa, ou seja que ela vive por muito tempo ou muitos anos.



(IPARA RYXYKARÉ) – Traços retos, em fileiras duplas em forma de S) Balaio com esse grafismo é um agradecimento a Nhanderu pelas águas e fontes que existem na aldeia. Ele significa o leito dos rios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato é muito importante na cultura guarani e possui um significado muito especial para o povo Guarani. Tudo vem de uma história que aconteceu no passado. E nós Guarani, temos uma crença muito forte nas palavras dos karai(pajé), por isso acreditamos que se agente não ouvir os conselhos dos mais velhos, poderemos sofrer graves consequências. Para nós tudo é sagrado tudo provém de Nhanderu, dizem os mais velhos tudo que sabemos fazer, no caso, os artesanatos foi Deus que nos ensinou.

No passado, o artesanato era feito basicamente para uso próprio. Hoje numa situação de necessidade a maioria das famílias, confecciona-o para vender, principalmente aquelas que moram em acampamentos e nas aldeias próximas às cidades.

O artesanato conta um pouco da história, já que traduz em seus desenhos é suas formas artísticas esse mundo místico que em geral existe na mentalidade indígena, em suas memórias ancestrais, em sua oralidade, mas que é o motor que faz esse povo continuar vivos e atuantes.

Com relação aos significados e o sagrado, todos os objetos transmitem mensagens simbólicas. Onde há sentimentos, conhecimentos, sabedorias e visão de mundo relacionado a Nhanderu e a natureza. Está visão que vai muito além da beleza física de um objeto, diferentes que vemos na visão ocidental.

Cada grafismo desenhados nos objetos, partem de uma visão relacionado à natureza e que busca a preservar e manter as raízes tradicionais que vai passando de geração em geração. Esta é a forma de registrar as memórias e os conhecimentos dos mais velhos e o respeito às essas sabedorias que os jovens de hoje já não sabem e não praticam mais esses saberes artesanais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artefato guarani: A função da beleza (José Francisco Sarmiento de Nogueira) mestre e graduado em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio- PUC Dados retirados da internet, SP., 2003.

POTY Vherá e CHRISTIDIS Danilo, Os guarani Mbyá Um livro, Artesanato indígena Kaingang e Guarani (Guia do professor) Editora Aikos, 2012.

Caderno Bilingue Mbya Reko Epagri, microbacia 2, Florianópolis, 2008.

CADOGAN, Léon. « Ayvy-Rapyta (fundamentos da linguagem humana) » in Revista do Museu Antropológico. Vol. 1 e vol. 2. São Paulo, 1953 e 1954.

LITAIFF, Aldo. As Divinas Palavras: identidade étnica dos Guarani-mbya. Editora da UFSC, Florianópolis, 1996.

Maino'í rapé O caminho da sabedoria, Editora AIKO, 2013.

SARMENTO DE NOGUEIRA, José Francisco. Artefato guarani: A função da beleza. Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC, RJ., 2003.

SCHADEN, Egon. Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. Editora EDU da Universidade São Paulo, 1989.

Tecendo relações Além da aldeia Artesãos indígenas, Editora AIKO, 2014.

Pessoas entrevistadas: FERNANDES Hélio Lider espiritual

BENITES Anita artesã em cestarias.

CONÇALVES Roberto ancião da aldeia.